

## **A PATOLOGIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE A TRANSFORMAÇÃO DO ESPAÇO EDUCACIONAL EM UM AMBIENTE EXCLUDENTE.**

Carolina Zanella Queiroz <sup>1</sup>

Luana Pereira da Costa<sup>2</sup>

### **RESUMO**

É notório o aumento de diagnósticos de diferentes transtornos no âmbito escolar, que retoma a antiga lógica de patologização das dificuldades no processo de escolarização. Esse aumento se relaciona, dentre outros fatores, ao processo de transformar questões sociais complexas, como é a dificuldade no processo de escolarização, em problemas do indivíduo, em especial em um defeito no seu aparato orgânico. Assim, objeto de estudo desta pesquisa é compreender e diferenciar as terminologias utilizadas para descrever uma criança com dificuldades de concluir de maneira satisfatória seu processo de ensino e aprendizagem, entre elas, o distúrbio de aprendizagem, as dificuldades de aprendizagem e a implicação da formação docente sobre o tema. Indagou-se sobre o domínio dos conceitos e propriedade sobre as questões que envolvam a aprendizagem ou a falta dela. Que adquire relevância, uma vez que os contextos em que estão inseridos estes alunos são desfavorecidos, e que os mesmos tem sido calados em sua subjetividade por uma escola que não compreende a criança como sujeito ativo do processo e os culpabiliza por um fracasso que não é individual, mas sim coletivo. O espaço escolar, que deveria estar voltado amplamente para a aprendizagem, desviou seu foco, com muita frequência e pouca propriedade sobre o tema, passou a encaminhar seus alunos com dificuldades notadas principalmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental para a esfera médica. Nesta pesquisa buscamos também compreender os motivos que elevam o índice de crianças medicalizadas, fazendo uso constantes de psicotrópicos, o que incide uma grave crise, a de patologizar a educação.

**PALAVRAS CHAVES:** Dificuldades de Aprendizagem, Distúrbios de Aprendizagem, Formação de Professores. Metodologias de Ensino.

<sup>1</sup>Mestre em Psicologia, Professora do Curso de Graduação em Pedagogia Faculdade Bagozzi. Email [czqueiroz@hotmail.com](mailto:czqueiroz@hotmail.com)

<sup>2</sup>Pós-graduanda em Psicopedagogia Faculdade Padre João Bagozzi. E-mail [luanapcosta1@gmail.com](mailto:luanapcosta1@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

Nossa escola é tradicionalmente conhecida pelo fracasso, pela evasão, pelo grande número de alunos com dificuldades e com pouca e significativa aprendizagem. Temos visto a escola repetir os mesmos erros e obter os mesmos resultados e ainda assim culpabilizar o aluno pelo seu fracasso, por sua reprovação, por suas notas baixas e até mesmo, agregar a estes, motivos para sua evasão. Esta mesma instituição ainda centraliza toda a dificuldade no aluno e coloca sobre este, unicamente, toda a responsabilidade de um processo que deveria ser coletivo, família, escola, professor aluno e sociedade. Padilha (2001, p. 47,48) lembra que "essa centralidade do problema na criança revela a concepção mecanicista "o defeito está na máquina", bem como organicista "a imaturidade da criança, um problema no organismo" e assinala que tais modelos não permitem interpretar adequadamente o fracasso escolar. Pois abstém-se, de sua responsabilidade, deixando de buscar teorias para embasar sua prática, repensar seu agir e concluir que toda criança aprende, quando há alguém que as ensine! Porém, que nem todos aprendem da mesma forma e ao mesmo tempo e que este é um direito que precisa ser considerado.( PADILHA, 2001, p. 47,48)

Os índices de alunos diagnosticados, com os mais variados distúrbios de aprendizagem crescem ano a ano, é possível perceber que os laudos de distúrbios, principalmente TDHA, são emitidos também cada vez mais precocemente. Nos últimos dez anos, o consumo de metilfenidato cresceu mais de 775%, colocando o Brasil como segundo país mais consumidor de Ritalina, abaixo apenas dos EUA, onde lá a cada 5 crianças uma faz uso do medicamento. O Psicotrópico tornou-se conhecido como droga da obediência, segundo a Revista ÉPOCA (2013), medicamento proveniente da Anfetamina, uma droga sintética, fabricada em laboratório, sintetizada pela primeira vez em 1887, na Alemanha. Com esta pesquisa bibliográfica, nosso objetivo maior era compreender os motivos que elevam os números de alunos classificados com distúrbios e dificuldades e se de fato, essas patologias são verídicas ao ponto de serem transferidas para a esfera médica. Pesquisamos sobre a incidência das metodologias e se o modo como o professor organiza o processo de ensino aprendizagem pode interferir na aquisição do saber pelo aluno.

### **APRENDIZAGEM, DISTURBIOS X PROBLEMAS**

Demo (2004, p. 60) define aprendizagem como "processo dinâmico, complexo não linear, de teor autopoético, hermenêutico, tipicamente interpretativo, fundado na condição de sujeito que participa desconstruindo e reconstruindo conhecimento". Dessa maneira, pode-se considerar o ato

de conhecer como um questionamento, sendo um processo dialético de desconstruir e reconstruir o conhecimento, pois só aprendemos a partir do que já tínhamos aprendido.

No contexto escolar percebemos a presença dos mais variados ritmos de aprendizagem. Alunos que aprendem com ritmo acelerado e outros com um tempo diferenciado, necessitando de mais atenção do professor e de explicações mais contextualizadas. Ainda aqueles de quem os docentes dizem não perceber avanços, pois se mostram estagnados até o fim do processo de ensino-aprendizagem, que aconteceu para os demais, como se nada tivesse sido, feito ou acrescentado a eles durante o mesmo transcurso.

Ciasca (2004 p. 31) defende que Dificuldade e Distúrbio ou Transtorno, são definições amplamente diferentes não só em nomenclatura, visto que define como Distúrbios ou Transtornos como uma perturbação no ato de aprender, ou seja, uma modificação dos padrões de aquisição, assimilação e transformação, acrescentando que o mesmo é uma disfunção do Sistema Nervoso Central, relacionada a uma falha no processo de aquisição ou do desenvolvimento, tendo caráter funcional. Dessa forma o distúrbio não caracteriza uma ausência, mas sim uma perturbação no processo de aquisição e armazenamento de informações. Impedindo que a aprendizagem aconteça. Ainda, para a mesma autora, o que difere distúrbio de dificuldade é exatamente isso, pois enquanto o distúrbio surge de uma disfunção orgânica, inerente ao aluno a dificuldade nasce do pedagógico e esta mais intimamente ligadas a falta dos pré-requisitos relatados acima. (CIASCA, 2004,p. 48)

Para que haja um significativo processo de aprendizagem são necessários elementos comunicadores segundo Drouet (2003, p. 248), o primeiro deles é a mensagem ou o conteúdo, o receptor ou o aluno e o meio onde esta inserido o educando. Este último por sua vez, precisa ser um ambiente solícito para a aprendizagem, instigador e provocador.

Na descrição de Ciasca (2007), as Dificuldade de Aprendizagem, são compreendidas como uma “forma peculiar e complexa de comportamentos que não se devem necessariamente a fatores orgânicos e que são por isso, mais facilmente são removíveis”. Ela ocorre em razão da presença de situações negativas de interação social. Caracteriza-se fundamentalmente pela presença de dificuldades no aprender, maiores do que as naturalmente esperadas para a maioria das crianças e por seus pares de turma e é em boa parte das vezes, resistente ao esforço pessoal e ao de seus professores, gerando um aproveitamento pedagógico insuficiente e autoestima negativa do ambiente de aprendizagem, e na interação de um com o outro, onde, na falha de um deles gera-se um problema.

Para se aprender, é necessário uma série de pré-requisitos, que irão desenvolver condições, capacidades, habilidades para que esse processo se conclua de maneira satisfatória, incluem-se áreas de: motricidade, esquema corporal, abstração, integração sensório-motora, lateralidade, habilidades perceptivo-motoras, acuidade, desenvolvimento da linguagem, habilidades conceituais e habilidades sociais, que seriam os pré-requisitos básicos para a alfabetização. Existindo então a possibilidade de que dificuldades de aprendizagem venham a se manifestar mais possivelmente naqueles alunos que não tenham desenvolvido os pré-requisitos básicos para o início da sua alfabetização.

Para Copetti (2008 p. 63) boa parte dos problemas de aprendizagens percebidos no Ensino Fundamental, já poderiam ter sido solucionados em turmas de educação infantil, se mais tempo tivesse sido dedicado a contemplar a criança como um todo e não a tantas meras reproduções.

### **O PROCESSO DE ENCAMINHAMENTOS DE ALUNOS COM DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM PARA A ESFERA MÉDICA E OS CRITÉRIOS LEVADOS EM CONSIDERAÇÃO.**

As dificuldades e os distúrbios de aprendizagem que normalmente se apresentam na infância, têm forte impacto sobre a vida da criança e de sua família, devido a todos os prejuízos que acarretam nas mais variadas áreas do desenvolvimento pessoal, assim como sua aceitação e participação social, sem mencionar os rótulos à que serão expostos esse aluno (MALUF, 2013). Para a psicóloga Nádia Bossa, os prejuízos são de proporções tão grandiosas que seria inocente de nossa parte avaliá-lo apenas momentaneamente.(BOSSA, 2014)

Segundo Torressi (2012), uma das maiores causas dos alarmantes índices de Distúrbios de Aprendizagem ainda esta na formação deficiente do professor, pois não cabe aos docentes emitirem diagnósticos ou sucitarem problemáticas que não conhecem em profundo, uma vez que laudos só podem ser emitidos por uma equipe multidisciplinar, formada por psicopedagogos, fonoaudiólogos, psicólogos e neurologista e psiquiatras. Mas para os professores, ainda falta compreensão sobre o processo de aprendizado em si. “Muitos professores não conhecem nem o desenvolvimento normal das crianças. E só ensina bem, quem sabe o como se aprende” (TORRESSI, 2012), afirma ela.

(...) o fator pedagógico que causa essa defasagem decorre da falta de um conhecimento sólido do professor sobre o trabalho mental envolvido na aprendizagem da leitura e escrita, o que o impede de aplicar uma metodologia apropriada para as diversas situações. De uma maneira geral, o professor não está preparado para trabalhar com a complexidade da mente humana. O professor acredita que vai encontrar na sala de aula o aluno dos manuais de pedagogia, mas esse aluno não existe. O indivíduo que você encontra na sala de aula é um sujeito particular, com uma mente que tem um modo particular de operar e que precisa da habilidade do professor de entender como esse aluno pensa para ensiná-lo de maneira apropriada. ( BOSSA 2014 s.p.)

Parafrazeando Ciasca (2007) os Distúrbios de aprendizagem são casos bem mais raros que as dificuldades de aprendizagem e que boa parte dos docentes costuma generalizar os termos e até orientar a família do aluno a procurar pelo médico pediatra, encurtando o processo! Outrossim, por sua vez, esse prescreve receitas de medicamentos capazes de atenuar a agitação e concentrar o aluno. Uma vez que, uma característica docente é classificar todo aluno agitado como hiperativo. O que segundo Ciasca (2004) é um grave erro! Pois não são todos os médicos, que possuem uma leitura mais ampla a respeito da temática e assim acabam por prescrever medicamentos como Metilfenidato, de modo genérico, a qualquer criança, sem de fato, ter a clareza da necessidade da medicalização. Outros por sua vez, não receitam, mas também não esclarecem a família a necessidade do envolvimento de uma equipe multidisciplinar para evitar diagnósticos incoerentes. A apenas transferem esta tarefa, para um neurologista infantil, quem por sua vez dará continuidade ao mesmo processo.

Scicchato (2008) relata que em sua experiência de atendimento clínico, é mais comum se deparar com problemas no sistema educacional e anda erros na metodologia adotada em algumas instituições, do que com casos verídicos de Distúrbios, não que eles não existam, existem! Mais em menor proporção de as que anunciadas. “Já vi casos de meninos que não sabiam ler e escrever porque nunca ninguém tinha sentado com eles e ensinado. Apenas isso. Não tinham nenhum transtorno. Foi só dar atenção, usar método adequado, e eles aprenderam.” (SCICCHIATO, 1988, p.105). Para ela, salas lotadas e formação de professores deficientes em todo país são os maiores vilões do ensino.

Apesar de toda controvérsia quando o assunto se refere às dificuldades de aprendizagem, a prática nos aponta para dois fatos inegáveis, Maluf (2013) descreve que esses problemas devem-se a diferentes fatores isolados ou associados entre si, e somente a avaliação e a intervenção precoce das dificuldades, pode levar ao sucesso na aprendizagem escolar. O papel da escola nesse, e em muitos outros sentidos na vida da criança, ultrapassa o âmbito pessoal e se reflete no crescimento da sociedade como um todo, pela falta ou erro no diagnóstico podemos tornar mais complexa a vida

adulta

deste

indivíduo.

Para Maluf (2013), o ritmo de vida que nossa sociedade tem, uma influencia severa no perfil do educando e da criança. Por suas vezes, essas crianças, na escola alunos, precisam transgredir em algum momento!

Ainda para Moises (2013), os diagnósticos dos mais variados distúrbios, principalmente o TDHA, feito de forma indiscriminada, primeiramente pela escola e por seus profissionais e também por médicos, desconhecedores das causas e efeitos desta patologização confirma que “crianças não comportadas têm se tornado um problema social”. (MALUF,2013)

É corriqueiro, segundo Diniz (2009), receber pais em busca de tratamento para seus filhos por exigência da escola; ela ainda diz que não só professores, mais também pais passaram a buscar por diagnósticos médicos para seus filhos, pois, de alguma maneira isso vem calar os conflitos existentes em casa e na instituição, afinal, segundo ela é muito mais fácil para ambos, família e escola lidar com uma doença própria do indivíduo do que com uma fatalidade, “Isso os desculpabiliza por não estarem dando conta de impor limites aos filhos, por exemplo, em relação à hora de dormir ou de desligar seus computadores e jogos eletrônicos.” (DINIZ, 2009).

## **O AUMENTO DO USO DE PSICOTRÓPICOS PELA INFÂNCIA**

O boletim da ANVISA (AGENCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA, 2013), demonstra que o uso de psicotrópicos podem vir a se tornar um problema de Saúde Pública no Brasil nos próximos anos. Isso pois, a droga sintética, teve entre os anos de 2009 e 2011, um aumento significativo em suas vendas que ultrapassaram 75%, entre crianças de 4 e 16 anos, colocando o Brasil como o 2º país mais consumidor da Droga, abaixo apenas do EUA.

O Metilfenidato, composição central da Ritalina e Concerta, indicado como tratamento médico para alunos com Laudos de TDHA, TDA, TOD entre outras patologias educacionais, é uma substancia química proveniente da Anfetamina, que por sua vez são drogas sintéticas, fabricadas em laboratório. Não são, portanto, produtos naturais. Existem várias drogas sintéticas que pertencem ao grupo das anfetaminas e como cada uma delas pode ser comercializada sob a forma de medicamentos, por vários laboratórios e com diferentes nomes de fantasia, temos um grande número destes medicamentos, conforme mostra a tabela. (CEBRID, Centro Brasileiro De Informações Sobre O Uso De Drogas Psicotrópicas).

Tabela<sup>1</sup> – Nomes comerciais de alguns medicamentos à base de drogas do tipo anfetamina, vendidos no Brasil. Dados obtidos do Dicionário de Especialidades Farmacêuticas – DEF – ano 1996/1997.

<b>Droga do tipo Anfetamina</b>	<b>Produtos (remédios comerciais) vendidos nas farmácias</b>
Dietilpropiona ou Anfepramona	Dualid S; Hipofagin S; Inibex S; Modérine
Fenproporex	Desobesi-M; Lipomax AP; Inobesin
Mazindol	Dasten; Fagolipo; Absten-Plus; Diazinil; Dobesix
Metanfetamina	Pervitin*
Metilfenidato	Ritalina - Concerta

FONTE: DEF 1996,1997

Sobre o uso contínuo da droga ainda não se tem estudos científicos conclusivos sobre o uso prolongado da mesma, porém o CEBRID (Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas) alerta:

Discute-se até hoje se uma pessoa que vinha tomando anfetamina há tempos e parar de tomar, apresentaria sinais desta interrupção da droga, ou seja, se teria uma Síndrome de abstinência. Ao que se sabe, algumas pessoas podem ficar nestas condições em um estado de grande depressão, difícil de ser suportada; entretanto, isto não é uma regra geral, isto é, não aconteceria com todas as pessoas. ( CEBRID, 2015, s/p)

Um estudo a respeito de como o fracasso escolar foi pesquisado e considerado desde o início do século XX, realizado por Patto (1988 p. 29,30), aponta uma tendência persistente de se culpabilizar a criança e sua família pelos problemas de aprendizagem. Ciasca (2004 p. 26) ainda afirma que as professoras tendem a "diagnosticar" a criança que não aprende segundo o "padrão adequado" como portadora de problema neurológico ou mesmo como deficiente mental. Com o número crescente de casos de indisciplina, distúrbios e dificuldades de aprendizagem, nada mais comum do que procurar na esfera médica, formas de atenuar a problemática, que tem se tornado uma febre e tem alavancado todos os índices no Brasil. (SCICCHITANO, 2008)

A Universidade de Londrina e seu núcleo de pesquisas gerenciado por Michele Fabiane A. S. Garcia Paes e Rosa Maria Junqueira Scicchitano' (2008) ambas especialistas em educação, fizeram um levantamento de dados dos últimos 20 anos de atendimento do CAP's UEL, a ideia era traçar o perfil da clientela atendida pelo CAP's e por quem esses encaminhamentos eram feitos. Dados referentes a idade, sexo, série escolar, natureza da escola, quem encaminha e motivo do encaminhamento foram analisados e discutidos. Assim, foi possível ter uma visão dos problemas de aprendizagem ao longo de um período de 20 anos de experiência e atendimento desta unidade e sua

relevância social. O levantamento dos dados aconteceu por análise dos prontuários das crianças atendidas a partir de 1985, esse estudo foi apresentado no I Congresso de Psicopedagogos.

Dados relativos à idade, sexo, escolaridade, relação idade-série, procedência do encaminhamento, tipo de escola e, sobretudo, motivo da procura do atendimento psicopedagógico e dificuldades apresentadas foram analisados e discutidos. A pesquisa mostrou que:

- 65% da clientela atendida era constituída de meninos;
- Com idade entre 7 e 11 anos;
- Que frequentavam de 1ª a 3ª série;
- 54,7% frequentavam escola pública e 45,3% frequentavam escola particular;

FONTE:Revista Psicopedagogia. vol.25 no.77 São Paulo 2008

Quem encaminhava com mais frequência eram professoras, orientadoras educacionais e médicos (neurologistas, psiquiatra infantil, pediatra). Os motivos da procura de atendimento psicopedagógico, as queixas principais eram: Troca de letras na escrita, problemas de ortografia, dificuldade de aprendizagem, dificuldade de aprendizagem relacionada à motivação, dificuldade de aprendizagem relacionada a problema emocional, dificuldade de atenção, dificuldade em leitura e escrita, dificuldade na leitura, dificuldade na escrita, dificuldade em leitura, escrita e cálculo, dificuldade em matemática, problema de comportamento em sala de aula, problema de coordenação motora. Entre o período de 2001 e 2005, ou seja, 20 anos depois, mudanças significativas não foram percebidas segundo as autoras:

Nos primeiros anos do século XXI (2001 -2005), foram encaminhados com mais frequência ao CAPs/UEL

- Meninos de 7 a 14 anos;
- De 1ª a 8ª série - principalmente de 1ª e 5ª séries (21% e 19% respectivamente).
- As reprovações ocorreram com mais frequência na 5ª série (14,2%, destes, 6,2% têm 2 reprovações na mesma série), na 1ª série (6,2%), na 6ª e 8ª séries e no 1º ano do ensino médio. No período de 2001 a 2005, as escolas públicas estaduais foram as que mais encaminharam, chegando a 93,7% dos encaminhados em 2002.

Os profissionais que com maior frequência encaminharam foram professores e orientadores educacionais, médicos neurologistas, psicólogos, fonoaudiólogos e psicopedagogos.



Os principais motivos de encaminhamento estão apresentados na tabela nº 2 a seguir:

QUEIXAS	2001	2002	2003	2004	2005	TOTAL	TOTAL
	QTDA	QTDA	QTDA	QTDA	QTDA	QTDA	%
Problemas De aprendizagem	9	30	31	11	7	88	54,32%
Problemas de Atenção	6	2	8	0	3	20	12,35%
Hiperatividade e Agitação	3	3	6	9	1	15	9,26%
Reprovação e baixo Rendimento	4	0	18	6	5	33	20,37%
Não realiza atividades sozinho	0	3	3	0	0	6	3,70%
<b>Total</b>	<b>22</b>	<b>38</b>	<b>60</b>	<b>26</b>	<b>16</b>	<b>162</b>	<b>100%</b>

(TABELA 2)

FONTE: PAES E SCICCHIATANO,( 2008)

Segundo Paes e Scicchitano (2008 p. 105), quase que a totalidade destes encaminhamentos foi feita de forma incoerente, isso porque “ em 2004, uma criança foi encaminhada com a seguinte "queixa": "Apresenta dislexia, disgrafia e disfonia o que dificulta a aprendizagem. “Distúrbio de atenção e memória". Tratava-se de uma criança de apenas 6 anos, da Educação Infantil, iniciando a aprendizagem formal da leitura e da escrita . Ainda dados da pesquisa mostram que relativos à idade e à série escolar em que ocorrem os encaminhamentos a atendimento psicopedagógico no CAPS/UEL apontam que, nos últimos 20 anos, é possível observar uma persistência nos encaminhamentos de crianças das séries iniciais do ensino fundamental, sobretudo da 1ª e 2ª séries. Observa-se também um aumento na idade e série escolar das crianças encaminhadas. Nos anos 80, predominavam os encaminhamentos de crianças de 1ª, 2ª e 3ª séries, com idades de 7 a 10 anos. A partir dos primeiros anos da década de 90, são encaminhadas, em grande número, crianças de 7 a 12 anos, de 1ª a 5ª séries. É notável o aumento nos encaminhamentos de alunos de 15-16 anos, de 5ª, 7ª, 8ª séries e 1º ano do ensino médio. No início do século XXI (2001-2005), continua significativa a porcentagem de encaminhamentos de alunos de 7 a 14 anos, de 1ª a 8ª série.

Dados e interpretações que nos preocupam são que, os encaminhamentos geralmente acontecem após os 7 anos de idade, em função da matrícula da criança na escola, o que estabelece

uma dualidade, pois até este momento, início da vida escolar, esta criança era considerada normal. (ROSSINI e SANTOS, 2001)

Fernandez (2001 p.49) também afirma que "a sociedade hipercinética e desatenta, medeia o que produz". Segundo BOSSA (2014) além de reformular os cursos de licenciatura e de formação de professores em todas as áreas, é imprescindível oferecer uma educação continuada para esses profissionais, levando para dentro das escolas os resultados das pesquisas produzidas nos mestrados e doutorados em Educação e Pedagogia, pois é perceptível que, discussões como estas não tem chegado ao chão da escola e permanecem longe dos olhos e ouvidos dos docentes. A mesma pesquisadora, insiste em descrever que, é tendência natural do ser humano aprender e quando isso não acontece é porque algo não está bem. Com o passar dos anos e das políticas públicas para a Educação, a escola foi suprimindo uma série de situações de aprendizagem que, de certa forma, complementava todos os requisitos básicos para as áreas de comunicação e expressão, matemática, ciências e estudos sociais, geografia e história. Os conteúdos e métodos se interdisciplinavam, mesmo sem o conhecimento do conceito. Ainda, parafraseando Bossa (2014) o problema não é isoladamente o professor, esse por sua vez também é vítima de um sistema que forma mal, remunera mal e não reconhece a importância social da profissão. Porém reconhece que a profissão docente só pode ser vivenciada por intelectuais e que cabe também a estes buscar a mudança que tanto almejamos para a Educação e para nossa sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A decisão de refletir e investigar sobre a patologização do ensino levou a constatar a relevante importância de se discutir ainda mais abertamente sobre Metodologias de ensino e sobre a formação dos profissionais da educação.

Todas as buscas, estudos e leituras realizadas, levaram a concluir que as metodologias ainda usadas em maior predominância na escola são retrogradadas e que os docentes por sua vez, não dispõem de formação e informação sobre distúrbios e dificuldade de aprendizagem, para tanto, tratam todas as terminologias como se tratasse de uma única problemática e em sua maioria acreditam que o aluno é o único responsável pelo seu aprendizado. Vários desses profissionais mostram preocupar-se pouco com o modo de fazer, estão ainda muito voltados para o conteúdo e

não perceberam que dentro do universo existente em sala de aula, cada aluno aprende de um modo e que muitas das dificuldades ou dos distúrbios percebidos, são apenas uma má adequação ao modo do professor mediar o acesso ao conhecimento. Novamente, acabamos por concluir o quanto nossa escola é excludente! Como são mínimas as condições de aprendizado ofertadas e o quanto nossa docência é precária de formação. Percebemos a necessidade imediata de levar escritos importantes como estes para as mãos dos professores, de fazê-los conhecer tudo que se tem pensado, escrito e publicado enquanto educação e o como, de modo inocente, nossa prática alienada tem corroborado para a promoção de uma escola ainda mais excludente!

Concordamos que os docentes devem receber nas próprias escolas, palestras, oficinas, estudos e formação que os levem a emancipar sua formação e seu fazer pedagógico. Porém é necessário, que isso antes de obrigação dentro das instituições torne-se uma busca pessoal, que precisa ser incansável, diária e aberta.

## REFERÊNCIAS

BOSSA, Nádia (2014) **Defasagem De Aprendizagem**> Disponível em <http://www.portalguaiescolas.com.br/acontece-nas-escolas/espaco-educacional/problemas-de-aprendizagem-estudo-revela-que-alunos-acumulam-defasagem-durante-o-ensino-fundamental-por-vagner-apinhanesi/> (Acessado em 15/11/2016)

CIASCA SM, Rossini SDR. **Distúrbios de aprendizagem: mudanças ou não?** Correlação de dados de uma década de atendimento. Temas sobre Desenvolvimento.( 2007) Rev. Psicopedag. vol.24 no.75 São Paulo 2007> disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862007000300003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862007000300003)> Acessado em 15/11/2016

CIASCA SM. **Distúrbios e dificuldades de aprendizagem: uma questão de nomenclatura.** In: Ciasca SM, ed. Distúrbios de aprendizagem: proposta de avaliação interdisciplinar. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2004. p.19-48.

COLLARES, Cecília Azevedo Lima; MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso. **Preconceitos no Cotidiano Escolar:** Ensino e Medicalização. São Paulo: Cortez Editora, 1996.

COPETTI, Jordano. **Dificuldades de Aprendizado.** Brasil: Editora Juruá 2º edição, 2008, p. 26-78

DEMO, Pedro. Aprendizagem no Brasil: ainda muito por fazer. Porto Alegre: Mediação, 2004, p. 47- 60

DINIZ, Margareth. (2009) **Os equívocos da Infância medicalizada**, disponível em >  
[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032008000100056&script=sci\\_arttext](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032008000100056&script=sci_arttext)< Acesso em 15/11/2016

DROUET RCR. **Distúrbios da aprendizagem**. 4ª ed. São Paulo:Ática;2003. p.248.

ÉPOCA, Revista 2012, ed. 30/08/2012  
(><http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/noticia/2012/08/como-detectar-transtornos-de-aprendizagem.html> >acesso em 14/10/2016)

ÉPOCA, Revista 2013 ed. 02/2013 (><http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/eliane-brum/noticia/2013/02/o-doping-das-criancas.html>>, acesso em 11/10/2016)

FERNANDEZ A. **Os idiomas do aprendente: análise das modalidades ensinantes com famílias, escolas e meios de comunicação**. Porto Alegre:Artmed; 2001. P 40-59

MALUF, Irene (2013) **Dificuldades de Aprendizagem**, disponível em >  
<http://direcionalescolas.com.br/2013/12/10/criancas-com-dificuldade-de-aprendizagem/>> Acesso em 15/10/2016

PADILHA, R.P. **Planejamento Diálogo**: como construir o projeto político da escola. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2001 p.46-58

PATTO MHS. **O fracasso escolar como objeto de estudo**: anotações sobre as características de um discurso. Cad Pesqui. 1988; p. 65:72-7.

PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. Rio de Janeiro: T.A. Queiroz, 1996 p. 29-48

ROSSINI SDR, Santos AAA. **Fracasso escolar: estudo documental de encaminhamentos**. In: Sisto FF e outros, org. **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico**. Petrópolis:Vozes;2001. Disponível em >  
[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862008000200007](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862008000200007)> acesso em 15/10/2016

Scicchitano RMJ. **Centro de Atendimento psicopedagógico da Universidade Estadual de Londrina**: caracterização da clientela. In: I Congresso Brasileiro de psicopedagogos; São Paulo;1988. p.105.

SILVA, César Augusto Tibúrcio, **Além Dos Muros da Escola - As Causas do Desinteresse, da Indisciplina e da Violência Dos Alunos**, SP: Papirus: 2011.

STRIEDER, R.; ZIMMERMANN, R.L.G. **A Inclusão escolar e os desafios da aprendizagem**. Disponível em > [www.utp.br/Cadernos\\_de\\_Pesquisa/10\\_a\\_inclusao\\_cp10.pdf](http://www.utp.br/Cadernos_de_Pesquisa/10_a_inclusao_cp10.pdf)< Acesso em 15/11/2016

TORRESI. Sandra (2012), **Como detectar transtornos de aprendizagem**, disponível em>  
<http://revistaepoca.globo.com/Sociedade/noticia/2012/08/como-detectar-transtornos-de-aprendizagem.html><  
Acessa em 15/11/2016

